

PAULO: CRISTOLOGIA, PNEUMATOLOGIA E TEOLOGIA ANTIOQUINA

Marcelo Serafim de Souza¹

RESUMO: O apóstolo Paulo foi, indubitavelmente, o maior teólogo cristão da igreja primitiva. Por sua posição de destaque nas comunidades de fé de sua época, é considerado o teólogo mais proeminente de seu tempo, que desenvolveu de maneira autônoma uma teologia de impacto que atravessou gerações e chegou até nossos dias. Sua fé, bem delineada em seus escritos epistolares, vislumbra-se, irá nortear todo seu ministério. Pode-se afirmar que, é através de suas cartas que podemos suscitar questões subjacentes a sua teologia, cristologia, pneumatologia, etc., bem como, destas de extrai, o cuidado pastoral deste, ao tratar de temas da vida cotidiana das comunidades cristãs. Seus escritos moldaram o cristianismo mais do que qualquer outro apóstolo de sua época. Sua cristologia se fulcra fundamentalmente em Cristo crucificado. Este era o tema de sua pregação, haja vista, o evangelho por Paulo, foi evangelho de salvação, foi evangelho de redenção.

PALAVRAS-CHAVE: Paulo – Teologia – Cristologia – Pneumatologia - Apostolado

ABSTRACT: The apostle Paul was undoubtedly the greatest Christian theologian in the early church. For his prominent position in the faith communities of his time, he is considered the most prominent theologian of his time, who autonomously developed an impact theology that has spanned generations and has reached our days. His faith, well outlined in his epistolary writings, is glimpsed, will guide his entire ministry. It can be said that it is through his letters that we can raise questions underlying his theology, Christology, pneumatology, etc., as well as, from these extracts, his pastoral care, when dealing with themes of the daily life of Christian communities. His writings shaped Christianity more than any other apostle of his day. Its Christology is fundamentally based on Christ crucified. This was the theme of his preaching, considering, the gospel by Paul, it was the gospel of salvation, it was the gospel of redemption.

KEYWORDS: Paul - Theology - Cristology - Pneumatology – Apostolate

INTRODUÇÃO

Em uma leitura ainda que perfunctória do versículo 17 do capítulo 15 da primeira carta de Paulo aos Coríntios “**Porque Cristo enviou-me, não para batizar, mas para evangelizar**”, depreende-se aquilo que irá nortear o ministério paulino e influenciará a teologia pelo apóstolo dos gentios esboçada, ou seja, a realidade histórica da atividade evangelizadora de Paulo.

O insigne teólogo Bruce afirma que, a atividade apostólica de Paulo consistia essencialmente em duas fases distintas:

¹ Mestrando em Teologia (Faculdades EST), São Leopoldo, RS. Email: marceloserafim.adv@gmail.com

1. A primeira fase iniciava-se com a evangelização e terminava com a fundação de uma igreja.
2. A segunda fase era composta pela orientação do Apóstolo às comunidades de fé já fundadas².

Para o preclaro mestre James Dunn, Paulo foi o primeiro e maior teólogo cristão. Sendo o primeiro teólogo cristão na perspectiva das gerações posteriores. Paulo foi o primeiro, no sentido de preeminência entre os teólogos cristãos, conclui³. Reverbera Dunn, que houve muitos apóstolos, profetas, doutores e pastores, nas primitivas igrejas cristãs, contudo, da primeira geração cristã, temos a teologização de apenas um homem, Paulo, o apóstolo, que fora Saulo, o fariseu⁴.

Para Schnelle Udo, Paulo era sem sombra de dúvidas, o teólogo mais proeminente de seu tempo, que desenvolveu de maneira autônoma uma teologia nova e de impacto poderoso. Ao mesmo tempo, reverbera, ele era oriundo da tradição de uma escola teológica e fundou por sua vez uma escola, atestada de várias maneiras pelas cartas proto e deuteropaulinas⁵.

Em seus escritos, perquire-se que a fé do apóstolo irá nortear todo seu ministério e será parte intrínseca de seus escritos epistolares. Sem descurar, contudo, do acervo histórico-biográfico pós conversão, que Lucas, o médico amado, faz de Paulo, em Atos dos Apóstolos.

CARTAS PAULINAS

Aliás, é através de suas cartas que podemos suscitar questões subjacentes à teologia de Paulo, sua cristologia, pneumatologia, antropologia, etc. Bem como o cuidado pastoral deste, ao tratar de temas da vida cotidiana das comunidades cristãs.

Referidas cartas além de circunscrever afirmações teológicas de Paulo, testemunham o desenvolvimento progressivo do pensamento teológico deste.

² BRUCE, F.F. *Paulo o apóstolo da graça, sua vida, cartas e teologia*. Tradução: Hans Udo Fuchs. São Paulo: Shedd Publicações, 2003, p. 13.

³ DUNN, James D.G. *A Teologia do apóstolo Paulo*. Tradução Edwino Royer. São Paulo. Paulus, 2003, p. 26

⁴ DUNN, James D.G., 2003, p. 25/6

⁵ SCHNELLE, Udo, 2010, p. 175.

Para James Dunn, a influência nos escritos de Paulo, moldaram o cristianismo mais do que fizeram os escritos/teologia de qualquer outro indivíduo. Sua teologia foi impactante⁶.

ΔΟΥΛΟΣ (SERVO/ESCRAVO) DE JESUS CRISTO:

Em suas cartas (Rm 1.1 – Gl. 1.1 – Fl. 1.1) Paulo apresenta-se como *δουλος* (servo escravo) de Jesus Cristo. Expressão, aliás, que bem evidencia a intenção de anular a própria independência pessoal.

Apenas para contextualizar, convém destacar que, proveniente da palavra *δεω* que significa “atar um laço, prender, atar, prender com cadeias, lançar em cadeias”, a palavra *δουλος* significa “escravo, servo, homem de condição servil, alguém que se rende à vontade de outro. Dessarte, no Novo Testamento grego, *δουλος* é a palavra comum para escravo, alguém que está permanentemente em servidão, em sujeição a um mestre⁷.

Quadra registrar ainda que, com propriedade, o Apóstolo Paulo, pôde inserir propalado termo em seus escritos, haja vista, à sua época, auge do Império Romano, predominava o sistema escravagista, em todo o Império, que compreendia Europa, Ásia Menor e todo o Norte da África⁸. Toda a economia era controlada e estava a serviço de Roma⁹.

Nessa época existiam basicamente três grupos: Homens Livres ou Senhores, Escravos e Libertos.

1. Os livres eram os cidadãos romanos. Nesta classe inclui-se o Apóstolo Paulo¹⁰.
2. Os escravos eram tidos como propriedade de seus senhores. Não eram considerados cidadãos, cuja função era apenas trabalhar.
3. Os libertos eram os escravos que conseguiram a liberdade ao longo de sua vida: Através da concessão pelo seu dono ou pelo pagamento feito com dinheiro juntado, o qual pagava o preço de sua libertação. (5)

⁶ DUNN, James D.G., 2003, p. 27

⁷ Escravo, Servo — Original Grego e Hebraico. Acesso em: 11/03/2020. Disponível em: <https://bibliotecabiblica.blogspot.com/2013/03/escravo-servo-original-hebraico-grego.html>.

⁸ BARBOSA, João Cândido. *O Trabalho e a Escravidão na Visão do Apóstolo Paulo*. Fragmentos de Cultura – Revista Interdisciplinar de Ciências Humanas, Goiânia, v.24, n°3, p. 403-411, jul./set. 2014.

⁹ FERREIRA, Joel Antônio; SILVA Valmor in BARBOSA, João Cândido. *O Trabalho e a Escravidão na Visão do Apóstolo Paulo*. Fragmentos de Cultura – Revista Interdisciplinar de Ciências Humanas, Goiânia, v.24, n°3, p. 403-411, jul./set. 2014.

¹⁰ Atos 22.27: E, vindo o tribuno, disse-lhe: Dize-me, és tu romano? E ele disse: Sim.

Escravo, na Antiga Roma, não era considerado pessoa, mas simples *res* (coisa), mercadoria. Não era cidadão, já que não possuía o *status libertatis*¹¹.

Contudo, o insigne mestre GIORDANI, em sua preclara obra “História de Roma” aduz que, o escravo podia adquirir a liberdade por três modos: Por vontade do Príncipe, por benefício da lei ou por concessão do senhor¹².

CIUIS ROMANUS SUM (SOU CIDADÃO ROMANO):

Malgrado, Paulo se apresente em suas cartas, conforme alhures informado, como *δουλος* (servo / escravo) de Jesus Cristo, contudo, era um cidadão livre, privilégio de poucos, haja vista, preconizara, possuir a cidadania romana, que antes de 222, d.C., época em que fora concedida a todos que habitavam o império romano, à época de Paulo, ser cidadão romano, era “um luxo” permitido à pessoas seletas.

Uma dos requisitos para se obter a cidadania romana de nascimento, conforme o Apóstolo informa, segundo alguns creem, deveu-se ao “suposto” fato do pai ou avô ou até mesmo o bisavô de Paulo ter prestado algum serviço especial à causa romana, o que daria à Paulo, o título de cidadão romano por nascimento.

Por conta disso, o Apóstolo Paulo pôde seguramente afirmar em Atos 22.27: *ciuis romanus sum* = sou cidadão romano, *in casu*, por nascimento.

É cediço que, todo filho legítimo de um cidadão romano tinha de ser registrado (ao que parece) no prazo de trinta dias depois do nascimento. Se vivesse numa das províncias, seu pai, ou algum agente nomeado oficialmente, fazia uma declaração (*professio*) perante o governador provincial (*praeses prouvinciae*) no escritório público de registros (*tabularum publicum*). Nesta sua *professio* o pai ou seu agente declarava que a criança era cidadã romana; a *professio* era anotada no registro de declarações (*album professionum*), e o pai ou agente recebia uma cópia corretamente certificada por testemunhas. Este certificado reproduzia a *professio* na terceira pessoa, em ordem indireta, e continha as palavras: *ciuem romanum esse professus est* (“ele [o pai ou agente] declarou que ela [a criança] é cidadã romana¹³”).

¹¹ O PLÁGIO NA PESQUISA ACADÊMICA: A Proliferação da desonestidade intelectual - Rodrigo Moraes.

¹² GIORDANI, Mario Curtis in BARBOSA, João Cândido. *O Trabalho e a Escravidão na Visão do Apóstolo Paulo*. Fragmentos de Cultura – Revista Interdisciplinar de Ciências Humanas, Goiânia, v.24, nº3, p. 403-411, jul./set. 2014.

¹³ BRUCE, F.F. *Paulo o apóstolo da graça, sua vida, cartas e teologia*. Tradução: Hans Udo Fuchs. São Paulo: Shedd Publicações, 2003, p. 35.

A Cilícia, região onde se localizava Tarso, a cidade de nascimento do Apóstolo Paulo, esteve no comando de mais de um general romano no séc. I, d.C., como por exemplo, os generais Pompeu e Antônio e, a concessão da cidadania para pessoas aprovadas estava incluída na autoridade geral (*imperium*) concedida a estes generais por lei.

SAULO FARISEU

Filho de fariseu, o Apóstolo Paulo afirma em Atos 26.5: “Vivi fariseu conforme a seita mais severa da nossa religião”. Antes de sua conversão, Paulo foi fariseu, uma das seitas judaicas ao tempo do Novo Testamento, cuja origem remonta entre o povo fiel à Deus na Judéia, que após algumas décadas após o retorno do exílio, agruparam-se com o propósito de se encorajar mutuamente, no estudo e na prática da lei sagrada, em meio ao que eles entendiam como declínio moral e religioso¹⁴.

Em seu acurado estudo da lei, eles elaboraram um conjunto de interpretações e aplicações que, com o tempo, adquiriu uma validade igual à da lei escrita. O propósito desta lei oral “a tradição dos anciãos”, era adaptar as prescrições antigas às diferentes situações diuturnas do povo¹⁵.

Como fariseu e reverente observador da lei, Paulo em seu acurado zelo, perseguiu os primeiros cristãos, ao unir-se aos acusadores de Estevão, tomando conta das capas das testemunhas, enquanto atiravam pedras, em conformidade com a lei, quando da execução de Estevão. Paulo passa a respirar ameaças e morte (At. 9.1) contra os discípulos do SENHOR, aprisionando e encarcerando homens e mulheres, esforçando-se para fazê-los renunciar a sua fé, quando eram trazidos perante os tribunais das sinagogas, bem como perseguindo refugiados além da fronteira da Judéia¹⁶.

CONVERSÃO DE PAULO:

A famigerada conversão iniciou-se com a célebre frase de Nosso SENHOR Jesus Cristo: “Saulo, Saulo, por que me persegues? Quando Paulo se encontrava à caminho de Damasco. Paulo indaga: “Quem és tu, SENHOR?” E a resposta foi: “Eu sou Jesus a quem tu persegues” (At. 9.4).

¹⁴ BRUCE, F.F. 2003, p. 40.

¹⁵ BRUCE, F.F. 2003, p. 42.

¹⁶ BRUCE, F.F. 2003, p. 65.

Paulo faz poucas tentativas para descrever a forma como o Cristo exaltado lhe pareceu na estrada de Damasco, talvez porque palavras são inadequadas para este desiderato. Uma luz muito forte é o principal detalhe da lembrança que Paulo tem da aparição¹⁷.

Já na rua Direita em Damasco, Ananias lhe diz “O Deus de nossos pais”, “te escolheu para conheceres a sua vontade, veres o Justo e ouvires uma voz da sua própria boca” (At. 22.14; cf. 9.17).

Segundo Schnelle Udo, considera-se Damasco como a origem de toda a teologia de Paulo, especialmente da doutrina de justificação do apóstolo¹⁸.

Não vi Jesus, nosso SENHOR? Paulo pergunta indignado, quando suas credenciais de Apóstolo são questionadas (1º Coríntios 9.1). A esse respeito, Rinaldo Fabris comenta:

...Paulo recorre à linguagem da experiência visual. Em 1º Co. 15.8, utiliza o aoristo passivo *ωφθη*, “apareceu”, “se fez ver”, inserindo assim, a atenção no aspecto factual da experiência visual¹⁹.

Acerca da conversão de Paulo, F. F. Bruce reverbera:

A notícia da conversão de Paulo deve ter chegado à Jerusalém muito antes de ele mesmo chegar ali. Mas era difícil de crer nela. Seria mais fácil o etíope mudar de cor ou o leopardo perder as manchas do que o principal perseguidor se tornar um crente. De acordo com Lucas, foi Barnabé que, com seus préstimos, aproximou Paulo da igreja de Jerusalém²⁰.

Após sua conversão Paulo parte para Jerusalém, com o intuito de não apenas conhecer o líder dos apóstolos *Κηφά* (palavra aramaica para “rocha” ou “pedra”) ou seu equivalente grego *Πετρος*, que também significa “rocha” ou “pedra”, mas, fazer-lhe perguntas sobre o caminho, pois este é o sentido do verbo *ιστορησαι*, que ele usa, em Gálatas 1.18²¹:

“Ἐπειτα μετὰ τρία ἔτη ἀνῆλθον εἰς Ἱεροσόλυμα ἱστορησαι Κηφᾶν, καὶ ἐπέμεινα πρὸς αὐτὸν ἡμέρας δεκαπέντε”.

Depois, passados três anos, fui a Jerusalém para ver a Pedro, e fiquei com ele quinze dias.

17 BRUCE, F.F. 2003, p. 109.

18 SCHNELLE, Udo, 2010, p. 111.

19 Rinaldo Fabris, in Paulo e sua Teologia / organizador Lourenço Stelio Rega. 2 ed. São Paulo: Editora Vida, 2009, p. 119.

20 BRUCE, F.F. 2003, p. 79.

21 BRUCE, F.F. 2003, p. 80.

O verbo utilizado por Paulo, traduzido em português como “ver” *ἵστορησαι*, trata-se a bem da verdade de um aoristo, por sua vez derivado da verbo *ἵστορέω*, que significa: Apurar por investigação e exame; consultar a²².

Em Jerusalém, ao que indica, nos quinze dias da estada de Paulo naquela cidade, ele também viu e pode ouvir os relatos acerca do caminho do próprio Tiago, irmão do SENHOR²³, conforme relata em Gálatas 1.19:

18. Depois, passados três anos, fui a Jerusalém para ver a Pedro, e fiquei com ele quinze dias.

19. E não vi a nenhum outro dos apóstolos, senão a Tiago, irmão do Senhor.

Indubitavelmente relataram-lhes as aparições do Cristo Ressurreto, dando-lhe a inspiração necessária para escrever na Primeira Carta aos irmãos de Corinto 15.3-8:

3: Porque primeiramente vos entreguei o que também recebi: que Cristo morreu por nossos pecados, segundo as Escrituras,

4: E que foi sepultado, e que ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras.

5: E que foi visto por Cefas, e depois pelos doze.

6: Depois foi visto, uma vez, por mais de quinhentos irmãos, dos quais vive ainda a maior parte, mas alguns já dormem também.

7: Depois foi visto por Tiago, depois por todos os apóstolos.

8: E por derradeiro de todos me apareceu também a mim, como a um abortivo (ou, nascido fora de tempo).

Passados os quinze dias em Jerusalém, Paulo partiu, diz ele “para as regiões da Síria e da Cilícia” (Gl. 1.21), ou seja, para sua terra natal (a província conjunta de Síria-Cilícia²⁴).

Em atos 22.17-21, o SENHOR ressurreto lhe aparece novamente e lhe confirma mais uma vez, sua vocação aos gentios²⁵.

CRISTOLOGIA PAULINA

Sobreleva importante preconizar, ainda que inversamente ao entendimento esposado por Rudolf Bultmann²⁶, para quem o ensino do Jesus histórico não desempenha nenhum papel, ou praticamente nenhum em Paulo, coadunado ao fato de que, o apóstolo dos gentios não teve qualquer contato com o “Jesus histórico” pré-crucificação. Conquanto, a esse respeito, assevera Bruce, Paulo conhecia o Jesus histórico apenas de

22 MOUNCE, Willian D. *Léxico Analítico do Novo Testamento Grego*. São Paulo: Vida nova, 2012.

23 BRUCE, F.F. 2003, p. 81.

24 BRUCE, F.F. 2003, p. 88.

25 BRUCE, F.F. 2003, p. 88.

26 Paulo e sua Teologia / organizador Lourenço Stelio Rega, 2009, p. 100.

ouvir falar e da tradição, enquanto afirmava ter um conhecimento pessoal e profundo do Cristo exaltado²⁷.

Por conta disso e, com supedâneo em propalado desiderato, podemos confiadamente asseverar, o Apóstolo dos gentios, é nossa autoridade literária mais antiga com respeito ao Jesus histórico, após lhe conhecer posteriormente como Cristo ressurreto, conforme alhures informado, no caminho à Damasco: “O Jesus, a quem tu persegues”. Sendo por este reconhecido como o Filho exaltado de Deus, SENHOR ressurreto e Salvador²⁸. E acerca do Jesus histórico, Paulo nos informa:

1. Era descendente de Abraão (Gl. 4.4);
2. E Davi (Rm. 1.3);
3. Viveu sob a lei judaica (Gl. 4.4);
4. Foi traído e, na noite de sua traição instituiu uma refeição memorial de pão e vinho (1º Co. 11.23-25);
5. Sofreu a morte vicária por crucificação (Gl. 3.1);
6. Após morto, foi sepultado, contudo a morte não pode deter o Autor da Vida (1ª Co. 15.54: Tragada foi a morte na vitória). Foi visto vivo, ressurreto, por cerca de quinhentos irmãos, a maioria dos quais ainda estava vivo para atestar o fato, vinte e cinco anos depois²⁹ (1ª Co. 15.6).

James Dunn, reverbera que para Paulo, o evangelho era eminentemente o evangelho de Cristo. Pois, foi a morte de Cristo que deu à proclamação do próprio Cristo, seu caráter de evangelho³⁰.

Para James Dunn, o evangelho de Paulo foi evangelho de salvação, foi evangelho de redenção. Portanto natural, sintetiza Dunn, Jesus foi significativo para a teologia de Paulo, como Salvador e seu ato redentor na Cruz³¹.

Paulo apresenta Cristo aos gentios, como criador do mundo e de tudo o que nele existe, visível ou invisível, incluindo tronos, soberanias, principados e autoridades³².

Quanto à a Cristologia de Paulo, Isaltino Gomes Coelho Filho, *in* Paulo e sua Teologia, egrégia obra organizada pelo insigne Lourenço Stelio Rega, preleciona que,

²⁷ BRUCE, F.F. 2003, p. 109.

²⁸ BRUCE, F.F. 2003, p. 91.

²⁹ BRUCE, F.F. 2003, p. 91.

³⁰ DUNN, James D.G., 2003, pp. 223/4

³¹ DUNN, James D.G., 2003, pp. 224

³² REINKE, André Daniel. *Os Outros da Bíblia: História, Fé E Cultura Dos Povos Antigos E Sua Atuação No Plano Divino*. São Paulo: Thomas Nelson, 2019.

esta iniciou, três anos após a Crucificação de Cristo, quando Paulo se encontrava à caminho de Damasco³³.

Para preclaro autor, esse momento é fundamental na história do cristianismo, pois a partir disso a obscura seita dissidente do judaísmo, chamada Caminho (At. 9.2), dará uma guinada em seu rumo³⁴. O vinho novo deixará o odre velho, aduz, e o instrumento para isso, finaliza, é um fariseu que se encontra com o Cristo ressuscitado, transformando um desconhecido líder religioso judaico na figura mais impressionante do cristianismo³⁵.

Paulo tem consciência de que o evento o insere numa categoria especial de homens, como os grandes vultos da revelação veterotestamentária. Ele tem consciência de que este encontro lhe concedeu uma capacitação especial e uma missão singular. Ele é Apóstolo de Jesus. Foi enviado pelo SENHOR. Isso não foi acidental. Deus revelara a Ananias (At. 9.15), revelou à igreja em Antioquia (At. 13.2) e, mostrou ao próprio Paulo (At. 13.46,47)³⁶.

Citando Cullmann, Isaltino Gomes Coelho Filho, aduz que, a cristologia mais desenvolvida do cristianismo primitivo inicia justamente aqui, no caminho de Damasco³⁷.

A experiência pessoal de Paulo, preconiza Isaltino Gomes Coelho Filho, marcou não apenas a vida do Apóstolo, mas o mundo para sempre. É por isso que a cristologia paulina começa no caminho de Damasco³⁸.

Supedaneado em Gálatas 2.20, por se iniciar em Damasco, a cristologia de Paulo alcança um clímax em intensidade. Cristo torna-se a paixão maior de Paulo³⁹. Senão vejamos, *verbis*:

Já estou crucificado com Cristo; e vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim;
e a vida que agora vivo na carne, vivo-a pela fé do Filho de Deus, o qual me
amou, e se entregou a si mesmo por mim.

Não se tratou de um exercício de reflexão teológica, muito menos acadêmica, mas, convém esthesir que, a cristologia de Paulo foi profundamente existencial. O conhecimento de Paulo a respeito de Cristo veio do próprio Jesus ressurreto⁴⁰.

A cristologia de Paulo se fulcra fundamentalmente em Cristo crucificado. Este era o tema de sua pregação. Citando Stott o ínclito Isaltino Gomes Coelho Filho, reverbera

³³ Paulo e sua Teologia / organizador Lourenço Stelio Rega, 2009, p. 119.

³⁴ Paulo e sua Teologia / organizador Lourenço Stelio Rega, 2009, p. 119.

³⁵ Paulo e sua Teologia / organizador Lourenço Stelio Rega, 2009, p. 119.

³⁶ Paulo e sua Teologia / organizador Lourenço Stelio Rega, 2009, p. 120.

³⁷ Cullmann *in* Paulo e sua Teologia / organizador Lourenço Stelio Rega, 2009, p. 121.

³⁸ Paulo e sua Teologia / organizador Lourenço Stelio Rega, 2009, p. 121.

³⁹ Paulo e sua Teologia / organizador Lourenço Stelio Rega, 2009, p. 121.

⁴⁰ Paulo e sua Teologia / organizador Lourenço Stelio Rega, 2009, p. 122.

que, Paulo era um homem “intoxicado de Cristo”. Do Cristo que morrera crucificado, fora sepultado e ressuscitara⁴¹, está à destra do Deus Pai, tem todo o Poder nos céus e na terra, entronizado entre os querubins, adorado pelos meus xarás serafins, tendo Deus o exaltado soberanamente, outorgando-lhe um nome que é sobre todo o nome (Filipenses 2.9). Para que ao nome de Jesus se dobre todo o joelho dos que estão nos céus, e na terra, e debaixo da terra (Filipenses 2.10). E toda a língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor, para glória de Deus Pai (Filipenses 2.11).

Citando Lloyd-Jones, Rega em sua preclara obra Paulo e sua Teologia, afirma que, a epístola aos Efésios é a mais ‘mística’ das epístolas de Paulo, e em nenhum outro lugar a sua mente inspirada se eleva a maiores alturas⁴².

O Cristo de Efésios, reverbera Rega, está assentado nas regiões celestiais. Tudo converge para Ele e terminará nele: “isto é, de fazer convergir em Cristo todas as coisas, celestiais ou terrenas, na dispensação da plenitude dos tempos⁴³”.

Para Paulo, na carta aos Efésios, Cristo está acima de todo governo e autoridade, poder e domínio, e de todo nome que se possa mencionar, não apenas nesta era, mas também na que há de vir. A igreja é o seu corpo místico na terra. Está espiritualmente assentada com Ele nessas regiões celestiais⁴⁴.

O ponto fundamental na cristologia paulina reside no fato de que Jesus é o Filho de Deus. Sem esta convicção tudo o mais não teria sentido. Isso pode ser extraído do versículo 20 do capítulo 2 da Carta aos Gálatas:

Já estou crucificado com Cristo; e vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim;
e a vida que agora vivo na carne, vivo-a pela fé do Filho de Deus, o qual me
amou, e se entregou a si mesmo por mim.

O termo grego *υιος θεου*, nos textos de Paulo, significa ser da mesma essência do Pai. Em outras palavras, o Deus Eterno entrou no tempo, o Deus Infinito entrou no espaço, manifestando-se em carne humana, e viveu entre os homens. Seu nome é Cristo Jesus.
(12)

Em Paulo, Cristo como Filho é muito mais que o Criador, Ele é o autor e o propósito da criação (Todas as coisas foram criadas por Ele e para Ele). Ele é o sustentador de tudo (Todas as coisas subsistem por Ele). Ele é o Filho de Deus e o próprio Deus. Haja vista, o conceito de Jesus como Filho de Deus abarca e permeia toda a

41 Paulo e sua Teologia / organizador Lourenço Stelio Rega, 2009, p. 123.

42 Lloyd-Jones apud Paulo e sua Teologia / organizador Lourenço Stelio Rega, 2009, p. 123.

43 Paulo e sua Teologia / organizador Lourenço Stelio Rega, 2009, p. 132.

44 Paulo e sua Teologia / organizador Lourenço Stelio Rega, 2009, p. 133.

cristologia de Paulo e mostra-nos que essa ideia é o âmago, a essência do cristianismo. Jesus é Deus. Não se tornou Deus após a ressurreição, mas sempre foi e é para todo o sempre e eternamente Deus⁴⁵ – AMÉM!!!

Colossenses 1.16: Porque nele foram criadas todas as coisas que há nos céus e na terra, visíveis e invisíveis, sejam tronos, sejam dominações, sejam principados, sejam potestades. Tudo foi criado por ele e para ele.

17: E ele é antes de todas as coisas, e todas as coisas subsistem por ele.

18: E ele é a cabeça do corpo, da igreja; é o princípio e o primogênito dentre os mortos, para que em tudo tenha a preeminência.

19: Porque foi do agrado do Pai que toda a plenitude nele habitasse,

20: E que, havendo por ele feito a paz pelo sangue da sua cruz, por meio dele reconciliasse consigo mesmo todas as coisas, tanto as que estão na terra, como as que estão nos céus.

Em Paulo, Cristo é o Salvador. Este é o tema mais comum e aceito no que diz respeito à obra de Cristo⁴⁶. Paulo o proclama em todas as suas obras:

1ª Timóteo 1.15: Esta é uma palavra fiel, e digna de toda a aceitação, que Cristo Jesus veio ao mundo, para salvar os pecadores, dos quais eu sou o principal.

A lei nos serviu de aio para nos conduzir a Cristo, diz Paulo, a fim de que fôssemos justificados por fé. Mas, tendi vindo a fé, já não permanecemos subordinados ao aio. Pois todos vós sois filhos de Deus, mediante a fé em Cristo Jesus (Gl. 3.24-26). Em outras palavras, ele diz aos romanos: “O fim da lei é Cristo, para justiça de todo aquele que crê⁴⁷”.

No pensamento de Paulo, Jesus é aquele que nos liberta do poder do pecado, porque é “nosso Salvador. Cristo Jesus”, que tornou inoperante e ineficaz a morte e trouxe à luz a vida e a imortalidade por meio do evangelho⁴⁸. E aqui Ele que nos redimiou da nossa vã maneira de viver, nos comprou com seu sangue, homens de toda tribo, língua, povo e nação, voltará para levar sua noiva, a Noiva do Cordeiro, ataviada, pura, que não se contaminou com os deleites efêmeros do presente século para as bodas do Cordeiro.

1ª Coríntios 15.51: Eis que eu lhes digo um mistério: nem todos dormiremos, mas todos seremos transformados,

52: num momento, num abrir e fechar de olhos, ao som da última trombeta. Pois a trombeta soará, os mortos ressuscitarão incorruptíveis e nós seremos transformados.

53: Pois é necessário que aquilo que é corruptível se revista de incorruptibilidade, e aquilo que é mortal, se revista de imortalidade.

45 Paulo e sua Teologia / organizador Lourenço Stelio Rega, 2009, p. 127.

46 Paulo e sua Teologia / organizador Lourenço Stelio Rega, 2009, p. 129.

47 BRUCE, F.F. 2003, p. 99.

48 Paulo e sua Teologia / organizador Lourenço Stelio Rega, 2009, p. 129.

54: Quando, porém, o que é corruptível se revestir de incorruptibilidade, e o que é mortal, de imortalidade, então se cumprirá a palavra que está escrita: "A morte foi destruída pela vitória".

Em Efésios 1.20, Paulo reverbera que, o Poder de Deus Pai, manifestou-se no Filho, ressuscitando-o dentre os mortos, tendo Cristo, sido colocado à direita de Deus Pai nos céus. Contudo, Paulo, assim como seus conterrâneos sabia que, a expressão “direita de Deus”, era uma metáfora, que denotava “autoridade suprema”, usada para expressar a transcendência do Deus Filho⁴⁹.

Percebe-se propalado desiderato, nos escritos paulinos, mormente em Filipenses 2.9, onde o Apóstolo, ao invés de dizer que Cristo está assentado à direita de Deus, diz que Ele está “sobremaneira exaltado”, dotado do “nome que está acima de todo nome”. Ora, o nome que está acima de todo nome é a designação SENHOR. Para que toda língua confesse que Jesus Cristo é o SENHOR⁵⁰ (Fl. 2.11).

PNEUMATOLOGIA PAULINA

O equivalente aramaico do grego *κύριος* é “*mar*”, como na invocação “*maranatha*” (Nosso SENHOR vem), que conseguiu entrar sem tradução no vocabulário dos cristãos de fala grega, especificamente na liturgia da *εὐχαριστίας*⁵¹.

2ª Coríntios 3.17: Ora, o Senhor é o Espírito; e onde está o Espírito do Senhor, aí há liberdade.

Para Paulo, onde está o Espírito do Senhor há liberdade de acesso à presença divina. O acesso a Deus, na época de Paulo, conforme Bruce, era difícil e cercado de inibições e restrições; conquanto o ministério do Espírito é livre e sem reservas⁵².

Bruce citando Ernst Kasemann descreve o Espírito na pneumatologia Paulina, como a *praesentia* terrena do Senhor exaltado⁵³.

Para Bruce, Paulo só conhece um espírito que dá vida, que é o “Espírito da vida, em Cristo Jesus” (Rm. 8.2), o Espírito cujo poder na pessoa aviva corpos mortais (Rm. 8.11), o Espírito cuja propriedade vivificadora é contrastada com o efeito mortal da lei (2ª Coríntios 3.6), o Espírito por quem o ser interior do crente é renovado, de dia em dia, apesar de o ser exterior se desintegrar (2ª Coríntios 4.16), o Espírito cuja presença no

⁴⁹ BRUCE, F.F. 2003, p. 111.

⁵⁰ BRUCE, F.F. 2003, p. 111/12.

⁵¹ BRUCE, F.F. 2003, p. 112

⁵² BRUCE, F.F. 2003, p. 115.

⁵³ ERNST KASEMANN in BRUCE, F.F. 2003, p. 116.

crente é a garantia de que ele será revestido de um corpo celestial imperecível (2ª Coríntios 5.5⁵⁴).

Segundo Bruce, é “a lei do Espírito da vida, em Cristo Jesus”, que liberta o ser humano da “lei do pecado e da morte” (Rm. 8.2). “Porquanto, Paulo continua, Deus fizera tudo o que a lei não podia fazer, por causa da incapacidade da natureza humana na qual ele atuava; ele enviou seu filho para fazer um trabalho como ser humano e pelo ser humano que, de outra forma, não poderia ter sido feito, “a fim de que o preceito da lei se cumprisse em nós, que não andamos segundo a carne, mas segundo o Espírito” (Rm. 8.3,ss.). A lei, para Paulo, pertence à era passada, à era da incapacidade espiritual do ser humano (que é expressa pelo uso do substantivo “carne”, característico de Paulo); o Espírito é um adiantamento da nova era, em que o ser humano, liberto da escravidão inevitável na era antiga, pode “fazer, de coração, a vontade de Deus” (Ef. 6.6) ou, como Paulo diz em outro lugar, produzir “o fruto do Espírito⁵⁵” (Gl. 5.22,ss.).

Bruce argumenta que, em Paulo o espírito é a antítese da carne. E isso, quando o Espírito de Deus energiza o ser humano e lhe confere poder físico, habilidade mental ou percepção espiritual, que de outra forma não teriam⁵⁶.

TEOLOGIA PAULINA

Schnelle Udo argumenta que, uma abordagem da vida e do pensamento paulino precisar ter uma estrutura cronológica, pois em Paulo é impossível separar pensamento e vida. Sendo que proveniência, carreira e teologia se condicionam mutuamente, a teologia paulina não pode ser captada somente segundo a história intelectual. A proveniência de Paulo já possui qualidade teológica, e o caminho de suas experiências e seu pensamento está marcado em medida ainda maior por acontecimentos, em parte singulares, que o determinaram fundamentalmente em seus pensamentos, emoções e atos⁵⁷.

Insigne mestre reverbera que, A teologia do apóstolo não pode ser esboçada, de modo atemporal a partir de termos teológicos centrais, como sistema doutrinal. Em vez disso, ela deve ser levantada cuidadosamente em sua formação histórica e nas afirmações teológicas básicas que a sustentam. Uma imagem completa e diferenciada da teologia paulina forma-se apenas contra o pano de fundo dos perfis específicos das distintas cartas.

⁵⁴ BRUCE, F.F. 2003, p. 116.

⁵⁵ BRUCE, F.F. 2003, p. 192.

⁵⁶ BRUCE, F.F. 2003, p. 200.

⁵⁷ SCHNELLE, Udo. *Paulo: vida e pensamento*. Tradução: Monika Ottermann. Santo André (SP) Academia Cristã; São Paulo; Paulus, 2010, p. 38.

Apenas assim, o caminho de pensamento de Paulo pode ser traçado adequadamente em suas continuidades e suas mudanças⁵⁸.

Para Schnelle Udo, a teologia paulina não apareceu de uma vez, mas cresceu e transformou-se sob as exigências do trabalho missionário⁵⁹.

Citando J. Becker, Schnelle Udo afirma que, a bem da verdade, Antioquia esboça a matriz da teologia paulina. Ali Paulo não apenas foi fundamentalmente iniciado na fé crista, como também todos os conceitos centrais da teologia paulina surgiram já em Antioquia. “Aqueles elementos de tradições antigas que Paulo usa posteriormente, complementa, provém essencialmente do conhecimento da comunidade antioquena⁶⁰.

A mensagem paulina da liberdade, a nova existência em Cristo, a importância fundamental de batismo e espírito, bem como as afirmativas universais na cristologia e soteriologia paulinas remontam, segundo Becker, na pré-citada obra de Schnelle Udo, à teologia antioquena. Nessa conceituação, a teologia paulina é nada mais que uma explicitação do querigma da comunidade de Antioquia⁶¹.

Em um radical posicionamento quanto à teologia paulina e, novamente citando Becker, Schnelle Udo afirma que, todas as percepções fundamentais do pensamento paulino foram pré-moldadas em Antioquia e, dessa maneira, não podem ser avaliadas como características de uma teologia genuinamente paulina⁶².

Citando Berger, Schnelle Udo afirma que Antioquia aparece como a metrópole cristã-primitiva em cujas redondezas e esfera de influência se deram todos os desenvolvimentos teológicos essenciais⁶³.

E, citando J. Becker, Schnelle Udo, dá um passo a mais; para ele, Antioquia é o ponto nodal decisivo da história da teologia crista-primitiva. Aqui se formaram “teologias antioquenas”, entre as quais Berger conta os quatro Evangelhos, o corpus paulino, petrino e joanino, bem como o Apocalipse de Joao⁶⁴.

Schnelle Udo chega então à seguinte conclusão: “Nessa conceituação, a teologia paulina é nada mais que uma explicitação do querigma da comunidade de Antioquia⁶⁵.”

58 SCHNELLE, Udo, 2010, p. 40.

59 SCHNELLE, Udo, 2010, p. 129.

60 J. Becker in SCHNELLE, Udo, 2010, p. 136.

61 SCHNELLE, Udo, 2010, p. 136.

62 J. Becker in SCHNELLE, Udo, 2010, p. 137.

63 Berger in SCHNELLE, Udo, 2010, p. 137.

64 J. Becker in SCHNELLE, Udo, 2010, p. 137.

65 SCHNELLE, Udo, 2010, p. 137.

Destarte, a interpretação da teologia paulina como uma explicação do querigma antioqueno representa um nivelamento do pensamento teológico autônomo do apóstolo Paulo. Não pode haver dúvida acerca da posição particular da comunidade de Antioquia na história da teologia cristã-primitiva e também acerca de sua influência sobre Paulo⁶⁶.

Antioquia foi uma estação importante para Paulo. A teologia paulina revela-se a si mesma como orientada pela tradição, mas em momento algum ela pode ser reduzida a reprodução de conteúdos já pré-estabelecidos e simplificada como tal⁶⁷.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, João Cândido. *O Trabalho e a Escravidão na Visão do Apóstolo Paulo*. Fragmentos de Cultura – Revista Interdisciplinar de Ciências Humanas, Goiânia, v.24, nº3, p. 403-411, jul./set. 2014.
- BRUCE, F.F. *Paulo o apóstolo da graça, sua vida, cartas e teologia*. Tradução: Hans Udo Fuchs. São Paulo: Shedd Publicações, 2003.
- DUNN, James D.G. *A Teologia do apóstolo Paulo*. Tradução Edwino Royer. São Paulo. Paulus, 2003.
- FERREIRA, Joel Antônio; SILVA Valmor in BARBOSA, João Cândido. *O Trabalho e a Escravidão na Visão do Apóstolo Paulo*. Fragmentos de Cultura – Revista Interdisciplinar de Ciências Humanas, Goiânia, v.24, nº3, p. 403-411, jul./set. 2014.
- GIORDANI, Mario Curtis in BARBOSA, João Cândido. *O Trabalho e a Escravidão na Visão do Apóstolo Paulo*. Fragmentos de Cultura – Revista Interdisciplinar de Ciências Humanas, Goiânia, v.24, nº3, p. 403-411, jul./set. 2014.
- MOUNCE, Willian D. *Léxico Analítico do Novo Testamento Grego*. São Paulo: Vida nova, 2012.
- REINKE, André Daniel. *Os Outros da Bíblia: História, Fé E Cultura Dos Povos Antigos E Sua Atuação No Plano Divino*. São Paulo: Thomas Nelson, 2019.
- SCHNELLE, Udo. *Paulo: vida e pensamento*. Tradução: Monika Ottermann. Santo André (SP) Academia Cristã; São Paulo; Paulus, 2010.

66 SCHNELLE, Udo, 2010, p. 139.

67 SCHNELLE, Udo, 2010, p. 139.